

KENNETH GRAHAME

*O Vento
nos
Salgueiros*



ILUSTRAÇÕES ORIGINAIS DE
E. H. SHEPARD

TRADUÇÃO DE JÚLIO HENRIQUES

L I S B O A :
TINTA-DA-CHINA
M M V I I

CAPÍTULO PRIMEIRO

A margem do rio



O TOUPEIRA passou toda a manhã a trabalhar com afínco, procedendo na sua casinha à grande limpeza da Primavera. Primeiro com vassouras, a seguir com espanadores; depois em cima de escadotes, escadas, cadeiras, armado de píncl e balde de cal, até que ficou com a garganta e os olhos cheios de pó, com a pelagem preta salpicada de cal, com as costas a doer e os braços moídos. A Primavera bulia em toda a parte, no ar lá em cima, por baixo da terra e em redor, impregnando também a escura e humilde casinha do Toupeira com aquele seu espírito de sagrada e ansiosa inquietação. Não é pois de estranhar que de repente ele tenha atirado o píncl para o chão, exclamando «C'os diabos!», «Raios parta!», «Acabou-se a grande barrela!», saindo disparada porta fora sem sequer se lembrar de vestir o casaco. Lá do lado de cima, imperiosamente, algo chamava por ele. Correu para o seu pequeno túnel inclinado, que faz as vezes do caminho empedrado existente nas vivendas dos animais que moram mais perto do sol e da brisa, e pôs-se a roçar, a rapar, a esgravatar, a agarrar, voltando a agarrar, a esgravatar, a rapar, a roçar, com as patitas sempre a mexer enquanto ia dizendo a si mesmo «Toca

CAPÍTULO QUARTO

O senhor Texugo



ESPERARAM com resignação durante o que lhes pareceu ser imenso tempo, dando saltos na neve a aquecer os pés. Até que finalmente ouviram, do lado de dentro, uns passos lentos e arrastados aproximando-se da porta. Parecia, como o Toupeira disse ao Rato, alguém que trazia calçados uns chinelos muito grandes e de tacões cambados. Coisa em que acertou, pois de facto assim era.

Ouviram o ruído de uma chave a girar na fechadura, e a porta entreabriu-se, o bastante para lhes mostrar um focinho comprido e dois sonolentos olhos que pestanejavam.

— Se isto voltar a acontecer — bradou lá de dentro uma vez áspera e desconfiada —, vou ficar muitíssimo irritado. Quem é desta vez? Quem anda a incomodar as pessoas numa noite assim? Fale!

— Ai, amigo Texugo — pediu o Rato —, por favor deixa-nos entrar. Sou eu, o Rato, e o meu amigo Toupeira, perdemo-nos no meio desta neve toda.

— Ah, ora vejam lá, o meu amigo Rato! — espantou-se o Texugo, mudando logo de tom. — Entrem já para aqui, vocês devem estar exaustos. Vejam só! Perdidos

CAPÍTULO SEXTO

O senhor Sapo



ERA uma luminosa manhã do início do Verão; o rio voltara ao costumeiro caudal, ao compasso comum, e um sol escaldante parecia arrancar à terra, como se o fizesse puxando cordas, todo o coberto de ervas, frondoso e pontiagudo. O Toupeira e o Rato d'Água tinham saído da cama logo ao amanhecer, muito atarefados com coisas referentes a barcos e à abertura da temporada de remo, pintando e envernizando, consertando remos, remendando almofadas, procurando ganchos extraviados e por aí fora. Estavam eles na sala a acabar o pequeno-almoço, discutindo vivamente os seus planos do dia, quando ouviram soar uma forte pancada na porta.

— Diacho! — disse o Rato, que ia a meio de um ovo.
— Amigo Toupeira, como já acabaste, vai ver quem é, fazes favor.

O Toupeira levantou-se e logo a seguir o Rato ouviu-o dar um grito de grande surpresa, abrindo a porta num ímpeto e anunciando solenemente:

— O senhor Texugo!

Era sem dúvida extraordinário o Texugo visitá-los, a eles ou fosse a quem fosse. Normalmente, era preciso

CAPÍTULO DÉCIMO
Novas aventuras do Sapo



A PORTA da frente da árvore oca estava virada para leste, e por isso o Sapo foi levado a acordar cedo; em parte por causa do brilho do sol que lhe jorrava em cima, em parte por causa do frio extremo nos pés, coisa que o fez sonhar que estava em casa, deitado no seu belo quarto com a janela estilo Tudor, numa fria noite de Inverno, e que a sua roupa da cama se tinha levantado, resmungando e a protestar que já não aguentava o frio, e que a roupa tinha corrido lá para baixo para se aquecer na cozinha; e que ele tinha ido atrás dela, descalço, correndo milhas e milhas sobre um gelado pavimento de pedra, discutindo com ela e suplicando-lhe que fosse sensata. Provavelmente teria acordado muito mais cedo, se não fosse o facto de ter dormido durante algumas semanas na palha, em cima de lajes de pedra, quase esquecendo a amável sensação dos grossos cobertores que nos cobrem até ao queixo.

Soerguendo-se, começou por esfregar os olhos, esfregando depois os dedos dos queixosos pés, a si mesmo perguntando, durante certo tempo, onde estaria, procurando em redor a familiar parede de pedra e a pequena janela gradeada; e logo, com um sobressalto